Introdução

- A. Algumas citações surpreendentes
- B. O plano maçônico de infiltração na Igreja romana
- C. Investigação Teológica, Histórica e Canônica

A. Algumas citações surpreendentes

Aqui estão algumas afirmações que certamente causam perplexidade:

> "Os elementos do marxismo são de natureza a levar muitos homens ao cristianismo vivido de uma maneira nova. [...] Vemos no islã, no humanismo, no marxismo, um desejo inconsciente e uma busca titubeante pelo verdadeiro rosto de Jesus Cristo, que nós, cristãos, frequentemente obscurecemos." (*O Catecismo Holandês. Uma introdução à fé católica. O novo catecismo para adultos realizado sob a responsabilidade dos bispos dos Países Baixos,* Paris 1968, p. 58).

> "No budismo, em suas várias formas, reconhece-se a insuficiência radical deste mundo mutável e ensina-se um caminho pelo qual os homens, com um coração devoto e confiante, podem alcançar o estado de libertação perfeita, atingir a iluminação suprema por seus próprios esforços ou com ajuda vinda do alto." (declaração conciliar *Nostra aetate,* 28 de outubro de 1965, § 2).

> "Nós oferecemos o cachimbo ao Grande Espírito, à mãe Terra e aos quatro ventos." (oração recitada a pedido de Wojtyla, em 26 de outubro de 1986 em Assis).

> "Que São João Batista proteja o Islã." (oração recitada pelo próprio Wojtyla, em 21 de março de 2000).

> "Eu venho a vocês, ao legado espiritual de Martinho Lutero, venho como peregrino." (encontro de Wojtyla com o Conselho da Igreja Evangélica, em 17 de novembro de 1980).

> "O ateísmo proporciona um 'livre desenvolvimento espiritual'." (Wojtyla, 1º de setembro de 1980).

> "Colocar o homem no altar" é próprio dos maçons (Jacques Mitterrand, 33º grau, ex-Grande Mestre do Grande Oriente).

> "Nós temos o culto ao homem" (Montini: discurso de encerramento do Vaticano II, 7 de dezembro de 1965).

> "Não pensamos que um maçom digno desse nome, comprometido com a prática da tolerância, não possa se regozijar irrestritamente com os resultados irreversíveis do Concílio". Os católicos devem "manter-se nessa corajosa noção de liberdade de pensamento, que, iniciada em nossas lojas maçônicas, se estendeu magnificamente sobre o domo de São Pedro" (Yves Marsaudon: *O ecumenismo visto por um maçom de tradição,* 1964, p. 119-121).

> "Se o mundo muda, a religião não deveria também mudar? [...] Esta é exatamente a razão pela qual a Igreja, especialmente após o concílio, empreendeu tantas reformas" (Montini: audiência geral, 2 de julho de 1969).

Ao ler essas frases curiosas, não podemos deixar de fazer perguntas. Mas o que está acontecendo em Roma?

B. O plano maçônico de infiltração na Igreja romana

Aqui estão alguns trechos do plano de infiltração da Igreja romana, elaborado pela maçonaria italiana e descoberto pela polícia do Papa Pio IX: "O que devemos buscar e esperar, como os judeus esperam o messias, **é um papa segundo as nossas necessidades** [...] Para garantir um papa nas proporções exigidas, é primeiro necessário moldar para este papa uma geração digna do reinado que sonhamos. Deixem de lado a velhice e a idade madura; foquem na juventude [...] Em poucos anos, este jovem clero terá, por força das circunstâncias, invadido todas as funções; ele governará, administrará, julgará, formará o conselho do soberano, será chamado a escolher o pontífice que deverá reinar, e este pontífice, como a maioria de seus contemporâneos, será necessariamente mais ou menos imbuido dos princípios [...] que começaremos a disseminar [...] Que o clero marche sob sua bandeira, sempre acreditando estar marchando sob o estandarte das chaves apostólicas [...] **Vocês terão pregado uma revolução em tiara e capa**, marchando com a cruz e a bandeira, uma revolução que precisará apenas [...] de ser um pouco incentivada para incendiar os quatro cantos do mundo" (in: Crétineau-Joly: *A Igreja romana diante da revolução,* 1859, reedição Paris 1976, Livro II, p. 82-90).

Durante o Concílio Vaticano I, um alto dignitário da maçonaria se regozijou "com o apoio valioso que encontramos há vários anos em um partido poderoso, que nos serve como intermediário entre nós e a Igreja, o partido católico liberal. É um partido que devemos cuidar, e que serve aos nossos propósitos mais do que pensam os homens mais ou menos eminentes que o compõem na França, na Bélgica, em toda a Alemanha, na Itália e até mesmo em Roma, ao redor do próprio papa" (in: Monsenhor Delassus: *Verdades sociais e erros democráticos,* 1909, reedição Villegenon 1986, p. 399).

Léon XIII (encíclica *Inimica vis,* 8 de dezembro de 1892) advertiu o episcopado da Itália. "Os sectários maçons buscam seduzir o clero inferior por meio de promessas. Com que objetivo? [...] O que eles querem é gradualmente ganhar para sua causa os ministros das coisas sagradas, e então, uma vez envolvidos nas novas ideias, torná-los revoltados contra a autoridade legítima".

Léon XIII faleceu em 1903. A maçonaria desejava a eleição de um sucessor imbuido do espírito maçônico. Aqui está o retrato do candidato ideal, esboçado em 1903 pela revista maçônica *Acacia*: "Um papa que afrouxasse os laços do dogmatismo estendidos ao extremo, que não desse ouvidos aos teólogos fanáticos e denunciantes de heresias, que permitisse que os exegetas trabalhassem à sua maneira, limitando-se a manter uma unidade que seria mais uma solidariedade entre os diversos ramos da Igreja, que não entrasse em conflito com os governos, que praticasse e recomendasse a tolerância entre as outras religiões, inclusive em relação ao livre pensamento, que não renovasse a excomunhão da maçonaria" (*Acacia,* setembro de 1903, in: *Leitura e Tradição,* nº 94, março/abril de 1982).

Em 1903, os católicos quase tiveram como papa, em vez de Giuseppe Sarto (São Pio X), o cardeal maçom Rampolla, Secretário de Estado de Leão XIII. Ele recebeu a maioria dos votos, mas foi afastado devido à intervenção do Império Austro-Húngaro.

Apesar deste fracasso pontual, o plano maçônico funcionou muito bem. O Papa São Pio X (encíclica *Notre Charge Apostolique,* 25 de agosto de 1910) denunciou as infiltrações maçônicas no movimento "Le Sillon" (movimento da juventude cristã francesa). "Conhecemos muito bem *os sombrios gabinetes* onde se elaboram essas doutrinas deletérias, que não deveriam seduzir mentes esclarecidas. Os líderes do Sillon não puderam se defender disso: a exaltação de seus sentimentos, a cega bondade de seus corações, seu misticismo filosófico misturado com um certo iluminismo, os levaram a um novo evangelho, no qual eles acreditaram ver o verdadeiro Evangelho do Salvador, ao ponto de ousarem tratar Nosso Senhor Jesus Cristo com uma familiaridade supremamente irreverente, e, seu ideal sendo aparentado ao da revolução, **eles não hesitam em fazer comparações blasfemadoras entre o Evangelho e a Revolução**".

O clero também estava infiltrado. Sentindo os "modernistas" (clérigos que adotaram os princípios maçônicos do racionalismo, do subjetivismo, da indiferença em matéria de religião e da reforma da Igreja) rondando ao seu redor, este santo papa exclamou angustiado: "Inimigos da Igreja, eles certamente são, e ao dizer que não há piores, não estamos longe da verdade. Na verdade, não é de fora, como já foi observado, [é de dentro que tramam sua ruína; o perigo está hoje quase nas próprias entranhas e veias da Igreja]" (encíclica *Pascendi,* 8 de setembro de 1907).

Nas décadas de vinte, a conspiração havia tomado proporções alarmantes, pois não apenas o clero inferior e a juventude, mas também uma parte significativa do alto clero estavam agora militando sob a bandeira da revolução. Durante o consistório secreto de 23 de maio de 1923, Pio XI interrogou cerca de trinta cardeais da Cúria sobre a oportunidade de convocar um concílio ecumênico. O cardeal Boggiani considerou que uma parte considerável do clero e dos bispos estava impregnada de ideias modernistas. "Essa mentalidade pode levar alguns Padres a apresentar moções, a introduzir métodos incompatíveis com as tradições católicas". O cardeal Billot foi ainda mais direto. Ele expressou o temor de ver o concílio "manipulado" pelos "piores inimigos da Igreja; os modernistas, que já se preparam, como indicam certos sinais claros, **para fazer a revolução na Igreja, um novo 1789**" (citado em: Mgr Marcel Lefebvre: *Eles a decronaram. Do liberalismo à apostasia. A tragédia conciliar,* Escurolles 1987, p. 158 - 159).

Com a morte de Pio XII, o sonho da maçonaria se realizou: uma "revolução em tiara e capa". Angelo Roncalli (que havia sido iniciado em uma sociedade secreta na Turquia em 1935, e depois se afiliou a uma loja maçônica em Paris) assumiu o nome de "João XXIII". Ele convocou o Concílio Vaticano II, que revolucionou completamente a religião, por exemplo, proclamando a "liberdade de pensamento, que, partindo de nossas lojas maçônicas, se estendeu magnificamente sobre o domo de São Pedro" (Yves Marsaudon: *O ecumenismo visto por um maçom tradicional,* 1964, p. 121).

Os defensores da mudança são chamados de "conciliares" (nome derivado do "concílio" Vaticano II). Os oponentes se chamam "católicos" (devido ao seu apego ao catolicismo).

Desde 1958, Roma adotou uma posição contrária ao que o papado sempre ensinou. Algumas pessoas então elaboram o seguinte silogismo: toda vez que um papa não define solenemente *ex*

cathedra um dogma, ele pode estar errado. Portanto, não somos obrigados a obedecê-lo sempre que ele ensina ou ordena algo contrário à fé. Os homens no poder em Roma desde 1958 têm proferido heresias, mas não *ex cathedra*. Portanto, esses homens são papas.

Outras pessoas estabelecem um silogismo diferente: o ensinamento *ex cathedra* é transmitido não apenas pelo modo "extraordinário" (definições solenes), mas também pelo modo "ordinário" (escritos do dia a dia). Um papa não erra *em nenhum momento* no campo da fé, porque ele é *constantemente* assistido pelo Espírito Santo, conforme a promessa formal de Cristo (João XIV, 15-17). "Como um verdadeiro papa sucessor de Pedro, assegurado da assistência do Espírito Santo, pode presidir à destruição da Igreja?" (Mgr Lefebvre, in: *Bonum certamen,* nº 132, Nancy). Essa falha não seria um sinal de que os homens que governam o Vaticano desde 1958 não são *verdadeiros* papas, mas *usurpadores*, ocupantes ilegítimos da Sé de Pedro?

Para abordar o problema, essas duas formas de consideração são ambas lógicas. No entanto, um silogismo pode ser lógico e ainda assim ser falso. Isso ocorre porque tudo depende das premissas das quais se chega a uma conclusão. Se uma premissa é falsa, um raciocínio logicamente correto pode levar a uma conclusão falsa. Antes de começar a raciocinar como um bom lógico, é essencial garantir que as bases sobre as quais o raciocínio se apoia correspondam à realidade. "A maioria dos erros dos homens vem menos do fato de raciocinarem mal a partir de princípios verdadeiros, do que de raciocinarem corretamente a partir de julgamentos inexatos ou princípios falsos" (Charles Augustin Sainte-Beuve: *Causeries du lundi*, Paris 1851-1862, t. X, p. 36).

Para evitar raciocínios vazios, empreendemos uma ampla investigação teológica, histórica e canônica. Coletamos muitas informações e documentos para estabelecer uma base muito sólida para este estudo, cujo plano será apresentado no próximo ponto.

C. Investigação Teológica, Histórica e Canônica

I. INVESTIGAÇÃO TEOLÓGICA: A INFALIBILIDADE PONTIFICAL

A premissa que precisa ser esclarecida é a seguinte: um papa pode naufragar na fé? A infalibilidade papal se manifesta apenas a cada cem anos, em uma definição solene (1854: Imaculada Conceição; 1950: Assunção)? Ou Nosso Senhor assiste o papa continuamente para impedi-lo de cair em heresia? Esta questão será abordada na primeira parte, dedicada à infalibilidade pontifical. Inclui também um capítulo sobre casos históricos de papas que supostamente falharam, como São Libério, Honório I ou João XXII.

II. INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA: INFILTRAÇÕES ANTIGAS E RECENTES

Na segunda parte, o leitor descobrirá um fato pouco conhecido: a história da Igreja registra cerca de cinquenta antipapas e cerca de cem "conciliábulos" (= assembleias heréticas, falsos concílios). Poderia haver precedentes para a situação atual? Vamos examinar se o Vaticano II foi um concílio infalível ou um conciliábulo falível.

III. INVESTIGAÇÃO CANÔNICA: A VISIBILIDADE DA IGREJA

A terceira parte, dedicada à visibilidade da Igreja, responderá a algumas questões vitais: Um não católico pode ser eleito papa validamente? A Igreja pode subsistir sem um papa? Quais são os traços que identificam a Igreja visível?